

A supremacia de Deus nas missões por meio da adoração

As missões não são o alvo fundamental da igreja. A adoração é. As missões existem porque não há adoração. A adoração é fundamental, não as missões, porque Deus é essencial, não o homem. Quando esta era se encerrar e os incontáveis milhões de redimidos estiverem perante o trono de Deus, não haverá mais missões. Elas são uma necessidade temporária. A adoração, porém, permanece para sempre.²⁸

A adoração é, portanto, o combustível e a meta das missões. É a meta das missões porque, nelas, simplesmente procuramos levar as nações ao júbilo inflamado da glória de Deus. O alvo das missões é a alegria dos povos na grandiosidade de Deus. “Reina o SENHOR. *Regozije-se* a terra, *alegrem-se* as muitas ilhas” (Sl 97.1). “Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos. *Alegrem-se e exultem* as gentes” (Sl 67.3-4).

Mas a adoração é também o combustível das missões. A paixão por Deus em adoração precede o oferecimento de Deus por meio da pregação. Você não pode recomendar o que não aprecia. Os missionários jamais exclamarão: “*Alegrem-se os povos*”, se não puderem dizer de coração: “*Eu me alegrarei* no Senhor... *Alegrem-me-ei e exultarei em ti*; ao teu nome, ó Altíssimo, cantarei louvores” (Sl 104.34; 9.2). As missões começam e terminam com a adoração.

Se a busca da glória *de Deus* não for colocada acima da busca do bem humano nas afeições do coração e nas prioridades da igreja, o *homem* não será bem servido e *Deus* não será devidamente honrado. Não estou pleiteando

uma diminuição de missões, mas a exaltação de Deus. Quando a chama da adoração arder com o calor digno de Deus, a luz das missões brilhará para os povos mais remotos da terra. Eu anseio pela chegada desse dia!

Onde a paixão por Deus for fraca, o zelo pelas missões será fraco. As igrejas que não estão centradas na exaltação da majestade e da beleza de Deus raramente se inflamam por um desejo fervente de “anunciar entre as nações a sua glória” (Sl 96.3). Até os leigos sentem a disparidade entre a ousadia de nossa reivindicação das nações e a brandura do nosso compromisso com Deus.

A acusação de Albert Einstein

Por exemplo, Charles Misner, um cientista especializado em Teoria Geral da Relatividade, expressou o ceticismo de Albert Einstein sobre a igreja com palavras que deveriam nos despertar para a falta de profundidade da nossa experiência com Deus na adoração:

O desígnio do universo... é demasiado magnificente e não deveria ser dado por certo. Na realidade, acredito que é por isso que Einstein tinha tão pouco apreço pela religião institucionalizada, embora me surpreendesse como um homem essencialmente religioso. *Ele deve ter observado o que os pregadores diziam sobre Deus e sentiu que estavam blasfemando. Ele tinha visto muito mais majestade do que eles jamais poderiam imaginar e eles simplesmente não estavam falando sobre algo real. Meu palpite é que ele simplesmente sentiu que as religiões que encontrou não tiveram um respeito apropriado... para com o autor do universo.*²⁹

A acusação de blasfêmia é pesada. A intenção é dar um golpe por trás da acusação de que, em nossos cultos, Deus simplesmente não aparece como ele é, sendo inconscientemente depreciado. Para aqueles que estão surpresos com a indescritível magnitude do que Deus tem feito, sem levar em conta a grandiosidade infinita daquele que fez tudo isso, a refeição tranquila na manhã de domingo com manuais práticos de aprendizagem, o relaxamento psicológico, a terapia relacional e o planejamento tático parecem dramaticamente alienados da realidade – o Deus de grandeza esmagadora.

É possível ser desviado de Deus ao tentar servi-lo. Como Marta, negligenciamos a única coisa indispensável e logo começamos a apresentar Deus como sendo tão ocupado e impaciente quanto nós. A. W. Tozer nos advertiu sobre isso:

Comumente, descrevemos Deus como um Pai ocupado, ansioso e um tanto frustrado que se apressa na busca de ajuda para a execução do seu

plano benevolente de trazer paz e salvação ao mundo... Muitíssimos apelos de missionários baseiam-se nessa suposta frustração do Deus Todo-Poderoso.³⁰

Os cientistas sabem que a luz viaja à velocidade de 9,392 trilhões de quilômetros em um ano. Sabem também que a galáxia da qual nosso sistema solar faz parte tem cerca de 100 mil anos-luz de diâmetro – aproximadamente 939 quatrilhões de quilômetros. Há cerca de um milhão de tais galáxias no raio de ação óptico de nossos telescópios mais potentes. Estima-se que, em nossa galáxia, existam aproximadamente 100 bilhões de estrelas. O Sol é uma delas, uma estrela modesta que queima a uma temperatura de 6 mil graus centígrados na superfície e viaja em uma órbita a 248 quilômetros por segundo, o que significa que ele leva cerca de 200 milhões de anos para completar uma revolução em torno da galáxia.

Os cientistas sabem de todas essas coisas e ficam extasiados diante delas. Eles dizem: “Se há um Deus pessoal, como os cristãos dizem, que chamou este universo à existência, então, quando falamos sobre ele e o adoramos, devemos fazê-lo com certo respeito, reverência, admiração e temor”.

Nós, que cremos na Bíblia, sabemos disso ainda melhor que os cientistas, porque ouvimos algo ainda mais surpreendente:

A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? diz o Santo. Levantai ao alto os olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelo nome; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar (Is 40.25-26).

Cada uma dos bilhões de estrelas no universo está lá por uma determinação específica de Deus. Ele sabe o seu número e, o mais assombroso, as conhece todas pelo nome. Elas cumprem suas ordens como agentes exclusivas. Quando sentirmos o peso dessa imensidão nos céus, teremos apenas tocado a bainha de suas vestes. “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele” (Jó 26.14). Eis por que clamamos: “Sê exaltado, ó Deus, *acima* dos céus” (Sl 57.5). Deus é a realidade absoluta com quem todos no universo devem harmonizar-se. Tudo depende inteiramente da sua vontade. Todas as outras realidades comparadas a ele são como uma gota de chuva no oceano ou como um formigueiro diante do monte Everest. Ignorá-lo ou diminuí-lo é uma insensatez absurda e suicida. Como pode ser um emissário do grande Deus aquele que não tremeu diante dele com assombro jubiloso?

A segunda principal atividade do mundo

O aspecto mais difícil nas missões é colocar Deus como o centro da vida da igreja. Se as pessoas não se estupefazem ante a grandeza de Deus, como podem ser enviadas com a mensagem vibrante: “*Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado, temível mais que todos os deuses!*” (SI 96.4)? As missões não são o começo e o fim. Deus é. Essas não são meras palavras. Essa verdade é a energia vital da inspiração e da perseverança do missionário. William Carey, o pai das missões modernas, que velejou da Inglaterra à Índia, em 1793, expressou sua experiência:

Quando deixei a Inglaterra, minha esperança de converter a Índia era muito forte; porém, diante de tantos obstáculos, ela minguiaria, se não fosse pelo sustento recebido de Deus. Bem, Deus está comigo e sua Palavra é verdadeira. Embora as superstições dos pagãos fossem mil vezes mais fortes e o exemplo dos europeus, mil vezes pior, mesmo diante do abandono e da perseguição, minha fé, posta na segurança da Palavra, ainda superaria todos os obstáculos e suportaria cada provação. A causa de Deus triunfará.³¹

Carey e milhares como ele têm sido movidos pela visão de um Deus grande e triunfante. Essa visão deve vir em primeiro lugar, devendo o missionário experimentá-la na adoração antes de difundi-la nas missões. Isso se resume em avançar em direção a um grande alvo: a adoração inflamada a Deus e a seu Filho por todos os povos da terra. As missões não são esse objetivo, são os meios e, por essa razão, são a segunda principal atividade no mundo.

A paixão de Deus por ele mesmo é o fundamento para a nossa

Uma das coisas que Deus usa para fazer essa verdade se apoderar de uma pessoa e de uma igreja é a surpreendente constatação de que isso também é verdadeiro para ele. As missões não são a meta suprema de *Deus*, a adoração, sim. Quando isso penetra no coração de uma pessoa, tudo muda. O mundo está frequentemente mudando seu curso e tudo parece diferente – inclusive o empreendimento missionário.

O princípio fundamental para a nossa paixão de ver Deus glorificado é sua própria paixão de ser glorificado. Deus é único e supremo em suas próprias afeições. Não há quaisquer rivais para a supremacia da glória de Deus em seu próprio coração. Deus não é um idólatra. Ele não desobedece o primeiro e grande mandamento. Com todo o seu coração, alma, força e mente, ele se deleita na glória das suas múltiplas perfeições.³² O coração mais apaixonado por Deus em todo o universo é o seu próprio coração.

Essa verdade, mais do que qualquer outra que conheço, ratifica a convicção de que a adoração é o combustível e a meta das missões. A razão mais importante para que a nossa paixão por Deus supra as missões é que a paixão de Deus por ele mesmo provê suprimento para as missões. As missões são o transbordamento de nosso regozijo em Deus porque são o transbordamento do regozijo de Deus em ser ele próprio. A razão mais importante para a adoração ser o alvo das missões é porque ela é a meta de Deus. Certificamo-nos desse objetivo pelo registro da Bíblia sobre a busca incansável de Deus pelo louvor entre as nações. “Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios, louvai-o todos os povos” (Sl 117.1). Se essa é a meta de Deus, deve ser também a nossa.

O propósito principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre

Todos os meus anos de pregação e ensino sobre a supremacia de Deus em seu coração têm provado que essa verdade atinge muitas pessoas como um caminhão carregado de frutas desconhecidas. Se as pessoas sobreviverem ao impacto, descobrirão que é a fruta mais saborosa do planeta. Revelei essa verdade com argumentos mais extensos em outras publicações.³³ Então farei aqui apenas uma breve abordagem dos fundamentos bíblicos. O que estou querendo dizer é que a resposta à primeira pergunta do Catecismo de Westminster é a mesma para Deus e para o homem. Pergunta: “Qual é o fim principal do homem?” Resposta: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre”. Pergunta: “Qual é o fim principal de Deus?” Resposta: “O fim principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre”.

Simplemente, outro meio de dizer isso é: Deus é justo. O oposto da justiça é valorizar e apreciar o que não é verdadeiramente valioso ou gratificante. Eis a razão de as pessoas serem chamadas de injustas em Romanos 1.18. Elas oprimem a verdade do valor de Deus e trocam-no por coisas criadas, reduzindo-o e desacreditando a sua valia. A justiça é o oposto, o que significa o reconhecimento do verdadeiro valor pelo que ele é e o apreço e estima na proporção de sua real valia. O injusto, em 2 Tessalonicenses 2.10, perece porque se recusa a *amar* a verdade. Os justos, entretanto, são aqueles que acolhem o *amor* pela verdade. A justiça reconhece, acolhe, ama e sustenta o que é verdadeiramente valioso.

Deus é justo. Isso significa que ele reconhece, acolhe, ama e sustenta com zelo e energia imensuráveis o que é infinitamente valioso, isto é, o seu próprio valor. A paixão e o deleite justos de Deus são para revelar e amparar sua glória infinitamente valiosa. Essa não é uma vaga conjectura teológica.